

I

Em fins de Novembro, por volta das nove horas da manhã de um dia de degelo, o comboio da linha férrea Petersburgo-Varsóvia aproximava-se a todo o vapor de Petersburgo. O tempo estava tão húmido e nevoento que a manhã rompia a custo; a dez passos, à direita e à esquerda da linha, era difícil distinguir alguma coisa pelas janelas da carruagem. Alguns dos passageiros regressavam do estrangeiro; mas os compartimentos de terceira classe eram os que vinham mais cheios, e era tudo gente simples e activa que não vinha de muito longe. Como é normal, estavam todos cansados, todos de olhos pesados da noite, todos com frio e todos os rostos estavam pálidos e amarelados a condizer com o nevoeiro.

Numa das carruagens da terceira classe vinham desde o amanhecer dois passageiros em frente um do outro, mesmo ao pé da janela; eram ambos homens novos, quase sem bagagem, não muito bem vestidos, de boa fisionomia, e desejosos de estabelecer conversa um com o outro. Se soubessem um acerca do outro aquilo que no momento os tornava especialmente extraordinários, ficariam por certo surpreendidos por o acaso os ter sentado de modo tão estranho em frente um do outro numa carruagem de terceira classe do comboio Petersburgo-Varsóvia. Um deles era de pequena estatura, dos seus vinte e sete anos, de cabelos encaracolados e quase pretos, com uns olhos cinzentos pequenos mas ardentes. Tinha o nariz largo e achatado, as maçãs do rosto salientes; os lábios finos formavam constantemente um sorriso quase insolente, trocista e até malicioso; mas a fronte, alta e bem formada, atenuava o grosseiro desenvolvimento da parte inferior do rosto. O que mais impressionava nesse rosto era a palidez de morte, que dava a toda a fisionomia do jovem um ar extenuado, apesar da sua compleição bastante sólida, e ao mesmo tempo qualquer coisa de apaixonado, quase doloroso, que não se harmonizava com o sorriso atrevido e grosseiro e com o olhar duro e jactancioso. Vinha bem agasalhado com um largo sobretudo preto de pele de carneiro e não tinha passado frio durante a noite, enquanto o seu vizinho tivera de suportar nas

costas trementes a humidade da noite russa de Novembro, para a qual não estava manifestamente preparado. Vestia uma capa bastante ampla e pesada, sem mangas e com um enorme capuz, igual às que são muitas vezes usadas pelos caminhantes, no Inverno, algures muito para lá da fronteira, na Suíça ou, por exemplo, no norte de Itália, que evidentemente não esperam percorrer distâncias como a que vai de Eidkuhnen a Petersburgo. Mas aquilo, que era apropriado e inteiramente satisfatório em Itália, tornava-se completamente impróprio na Rússia. O dono da capa com capuz era um homem novo, também dos seus vinte e seis ou vinte e sete anos, de estatura um pouco acima da média, muito louro, de cabelos espessos, faces cavadas e uma barba fina, quase branca, aparada em bico. Tinha os olhos grandes, azuis e perscrutadores; havia no seu olhar qualquer coisa de suave, mas pesado, qualquer coisa cheia daquela estranha expressão pela qual alguns adivinham ao primeiro olhar um doente de epilepsia. O rosto do jovem era de resto simpático, fino e seco, mas descorado e agora arroxeadado do frio. Nas suas mãos baloiçava uma magra trouxa num velho lenço de seda desbotado, que continha, segundo parecia, todos os seus pertences de viagem. Trazia nos pés uns sapatos de solas grossas, com polainas — tudo num estilo estrangeiro. O vizinho de cabelos pretos com o sobretudo de pele observava tudo isto, em parte por não ter nada que fazer, e por fim perguntou com aquele indelicado sorriso em que se exprime por vezes tão sem cerimónia a satisfação das pessoas com os infortúnios do próximo:

— Frio?

E encolheu os ombros.

— Muito — respondeu o vizinho com extrema prontidão. — E, repare, o tempo está a degelar. Como seria se estivesse a gelar? Nem pensei que estivesse tanto frio na nossa terra. Desacostumei-me.

— Vem então do estrangeiro?

— Sim, da Suíça.

— Ufa! Não me diga!...

O homem dos cabelos negros soltou um assobio e uma gargalhada.

Entabularam conversa. A prontidão do jovem louro da capa suíça para responder a todas as perguntas do seu vizinho moreno era surpreendente e sem mostrar qualquer sinal de suspeita quanto à completa negligência, impertinência e futilidade de algumas perguntas. Ao responder, disse entre outras coisas que estivera muito tempo ausente da Rússia, mais de quatro anos, que fora enviado para o estrangeiro por motivos de saúde, por uma qualquer estranha doença nervosa, uma espécie de epilepsia ou dança de São Vito, com tremuras e convulsões. Enquanto ouvia, o homem moreno sorria algumas vezes; riu-se em especial quando, à pergunta «e então, curaram-no?», o louro respondeu: «não, não me curaram».

— Eh! Quer então dizer que gastou o seu dinheiro em vão, e nós aqui acreditamos neles — observou o moreno, sarcástico.

— É a pura verdade! — disse, metendo-se na conversa, um senhor muito mal vestido que ia sentado ao lado deles, uma espécie de pequeno funcionário público dos seus quarenta anos, de forte constituição, de nariz vermelho e rosto borbulhento. — A pura verdade, não fazem mais do que sugar as forças da Rússia a troco de nada!

— Oh, no meu caso está muito enganado — retorquiu o paciente suíço em voz suave e conciliatória. — É claro, não posso contradizer a sua opinião, porque não sei tudo, mas o meu médico gastou comigo o seu último dinheiro na viagem para cá e manteve-me à sua custa nos últimos dois anos.

— Pois quê, não tinha quem lhe pagasse? — perguntou o moreno.

— Não; o senhor Pavlíshev, que me mantinha lá, morreu há dois anos; escrevi depois para cá à generala Epantchina, minha parente afastada, mas não tive resposta. E foi por isso que voltei.

— Voltou para onde?

— Quer dizer, onde vou ficar?... Ainda não sei, na verdade... Em qualquer parte...

— Ainda não decidiu?

E de novo os dois ouvintes se riram à gargalhada.

— E por certo leva nesse pacotinho todos os seus pertences? — perguntou o moreno.

— Eu era capaz de apostar que assim é — secundou o funcionário do nariz vermelho, com ar extremamente satisfeito —, e que não tem mais carga no furgão das bagagens; embora a pobreza não seja um defeito, o que também não se pode deixar de observar.

Verificou-se que também isso era verdade: o jovem louro logo o reconheceu com invulgar prontidão.

— A sua trouxa tem no entanto alguma importância — continuou o funcionário, quando se fartou de rir (o próprio dono da trouxa, olhando para eles, começou por fim a rir-se também, o que lhes aumentou a jovialidade) —, e embora se possa apostar que não contém pacotinhos de ouro estrangeiros com napoleões nem fredericos de ouro, ou florins holandeses, o que se pode concluir até pelas polainas que cobrem os seus sapatos estrangeiros... se acrescentarmos ao seu embrulho um parentesco como, por exemplo, a generala Epantchina, então o embrulho assume uma outra importância, no caso, é claro, de a generala ser de facto sua parente e o senhor não estar enganado, por distração... o que é muito e muito próprio de uma pessoa, nem que seja... por excesso de imaginação.

— Oh, o senhor voltou a acertar — apoiou o jovem louro —, porque na verdade estou quase enganado, isto é, quase não é minha parente; tan-

to é assim que na verdade não fiquei nada surpreendido por ela na altura não me ter respondido. Era o que eu esperava.

— Gastou em vão o dinheiro dos selos nessa carta. Hum... Ao menos é crédulo e sincero, e isso é louvável! Hum... eu conheço o general Epan-tchin, apenas porque ele é um homem geralmente conhecido; conhecia também o falecido senhor Pavlíschev, que o sustentava a si na Suíça, se é que se trata de Nikolai Andréievitch Pavlíschev, porque eram dois primos com o mesmo nome. O outro vive ainda na Crimeia, e Nikolai Andréievitch, o falecido, era um homem respeitável, muito bem relacionado, e possuía no seu tempo quatro mil almas...

— É isso mesmo, chamava-se Nikolai Andréievitch Pavlíschev — e, ao responder, o jovem olhava fixamente e com curiosidade para aquele senhor sabe-tudo.

Estes senhores sabichões encontram-se por vezes, até com bastante frequência, numa certa camada social. Sabem tudo, toda a sua intranquila curiosidade e todas as capacidades mentais se orientam irresistivelmente numa única direcção, sem dúvida pela falta de interesses e ideias mais importantes na vida, como diria um pensador contemporâneo. Pelas palavras «sabem tudo» deve entender-se, aliás, uma área muito limitada: em que departamento trabalha fulano, quem são os seus conhecidos, que bens possui, onde foi governador, com quem está casado, quem são os seus primos direitos ou segundos, etc., e coisas assim. A maior parte desses sabichões anda com os cotovelos rotos, e recebe um ordenado de dezasseite rublos por mês. As pessoas sobre cujas vidas eles conhecem todos os pormenores seriam incapazes de imaginar quais os interesses que os movem; e no entanto, muitos deles ficam positivamente satisfeitos com esses conhecimentos, que constituem toda uma ciência, e alcançam uma elevada satisfação espiritual. É uma ciência fascinante. Já vi homens cultos, literatos, poetas, políticos, que procuravam e obtinham nessa ciência o seu mais alto conforto e objectivo, e que só desse modo fizeram carreira. Durante toda esta conversa, o jovem moreno bocejava, olhava pela janela sem qualquer objectivo e esperava com impaciência o fim da viagem. Parecia distraído, muito distraído, quase alarmado, e até ficou um pouco estranho: de vez em quando escutava sem ouvir, olhava sem ver, ria-se sem saber nem compreender por que se ria.

— Mas permita-me, com quem tenho a honra de... — disse de repente o senhor borbulhento, dirigindo-se ao jovem louro com a trouxa.

— Príncipe Lev Nikoláevitch Míchkin — respondeu o outro com toda a prontidão.

— Príncipe Míchkin? Lev Nikoláevitch? Não conheço. Nem nunca ouvi falar — respondeu o funcionário, pensativo. — Quer dizer, não me refiro ao nome, é um nome histórico, que se pode e deve encontrar na

História de Karamzin¹, mas à pessoa, e não se encontram em parte nenhuma príncipes Míchkin, nem se ouve falar deles.

— Oh, pudera! — respondeu logo o príncipe. — Agora não há nenhum príncipe Míchkin além de mim; acho que sou o último. E quanto aos pais e avós, eram apenas proprietários rurais. O meu pai foi aliás alferes do exército. E não sei como, a esposa do general Epantchin era também princesa Míchkina, a última do seu género...

— Eh-eh-eh! Última do seu género! Eh-eh! Que maneira engraçada de dizer — casquinou o funcionário.

O moreno também se riu. O louro ficou um pouco surpreendido por ter conseguido dizer um gracejo, de resto de bastante mau gosto.

— Imagine, eu disse isto sem pensar — explicou, por fim, com surpresa.

— Mas é claro, é claro — concordou o funcionário alegremente.

— E então, príncipe, esteve lá a estudar com um professor? — perguntou de súbito o moreno.

— Sim... estudei...

— Pois eu nunca estudei nada.

— Sabe, eu também não estudei muito, só algumas coisas — acrescentou o príncipe, quase a desculpar-se. — Devido à minha doença, acharam que não podia estudar sistematicamente.

— Conhece os Rogójin? — perguntou muito depressa o moreno.

— Não, não conheço. Conheço muito poucas pessoas na Rússia. O senhor é Rogójin?

— Sou sim, Parfion Rogójin.

— Parfion? Não será então daqueles Rogójin... — começou o funcionário com acrescida gravidade.

— Sim, desses mesmos — interrompeu-o muito depressa e com descortês impaciência o moreno, que de resto não se dirigiu uma única vez ao funcionário borbulhento, tendo falado desde o início apenas com o príncipe.

— Sim... mas como é isso? — surpreendeu-se o funcionário, pasmado, de olhos esbugalhados e cujo rosto assumiu de imediato uma expressão de reverência e servilismo e até assustada. — Da família de Semion Parfionovitch Rogójin, o ilustre cidadão que morreu há um mês e deixou uma fortuna de dois milhões e meio de rublos?

— Como soubeste que ele deixou um capital de dois milhões e meio? — interrompeu o moreno, nem desta vez se dignando olhar para o funcionário. — Oram vejam! — piscou o olho ao príncipe. — E que vantagem têm eles em vir logo com sabujices? Mas é verdade que o meu pai morreu, e eu um mês depois volto de Pskov para casa descalço. Nem o patife do meu irmão, nem a minha mãe me mandaram dinheiro, nem qualquer informação: não me mandaram nada! Como se eu fosse um cão! Em Pskov estive um mês inteiro de cama com febre!...